

## PRONÚNCIA DE NOMES PRÓPRIOS: O PROBLEMA GANDAVO OU GÂNDAVO\*

Evanildo Bechara  
UERJ

Em 1946, Pero de Magalhães volta a suscitar a atenção do público estudioso não porque um historiador viesse trazer novos subsídios de interpretação a seu *Tratado da Terra do Brasil ou História da Província Santa Cruz*, ou um filólogo focalizasse aspectos de seus opúsculos gramaticais. A razão era tão somente a questão de pôr em dúvida o tradicional uso de se proferir como paroxítono – *Gandavo* – o último elemento aposto ao nome próprio daquele que Barbosa Machado considerara “insigne humanista e excelente latino”, natural de Braga e dos primeiros apaixonados do Brasil.

O problema foi levantado pelo competente estudioso da toponímia e antroponímia portuguesas, o Dr. Joaquim da Silveira, que, em nota inserida na revista *Brasília* (Coimbra, 1945, vol. III p. 525-528), defendia a tese de que a verdadeira pronúncia seria *Gândavo*, proparoxítono, e não *Gandavo*.

Tal gentílico que tem como base *Gand* ou *Ganda*, se explica porque o autor descendia de flamengo, especialmente pelo lado paterno: *Gandavo*, correspondente ao francês *Gantois*, designaria o morador ou filho de Gand, segundo Capistrano de Abreu que, na *Introdução* dos opúsculos históricos publicados pela Academia Brasileira de Letras, lhe estudou a vida e a obra.

Joaquim da Silveira alicerça sua proposta em dois argumentos que considera decisivos. O primeiro deles é o testemunho do célebre bibliógrafo espanhol Nicolau Antônio, que viveu “um pouco depois” do nosso historiador e gramático, e que embora registre “o apelido deste sem qualquer sinal diacrítico no texto da sua *Bibliotheca Hispana*, tomo II, pág. 168 (Roma, 1695), é certo que, na parte final desse mesmo tomo, quer no *Index cognominum*, pág. 391, quer no *Index patriarum*, pág. 458, quer ainda no *Index ultima materiarum – Historica*, pág. 629, o acentua expressamente e sempre *Gândavo*, como acentua igualmente *Gândara*, *Gâlvez*, etc” (*Brasília*, p. 527).

---

\* Comunicação apresentada ao 5.º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas realizado na Universidade de Oxford, em dezembro de 1996, aqui reproduzida com alguns retoques.

Continuando, o mesmo estudioso conclui:

Este uso proposital e insólito, em obra latina, de um acento não conhecido em latim, e a sua repetição 3 vezes, pelo menos, manifesta o empenho do autor em evitar silabadas, e denuncia claramente que Nicolau Antônio estava bem ciente do que fazia marcando de esdrúxulo aquele vocábulo (Id, *ibid.*).

A outra prova vem da lição do lexicógrafo J. Facciolati:

Em segundo lugar, o topônimo latino *Gandavum*, base do apelido, tinha, segundo os latinistas, a segunda sílaba breve, e portanto o acento tônico recaía sobre a primeira, o que de resto é corroborado até pela forma curta medieval *Ganda*, que não pode ter outra acentuação, e pelas modernas *Gent* e *Gand*, que lhe sucederam, citadas na nota anterior. Essa quantidade breve da 2.ª sílaba vejo-a, marcada no conceituado *Calepinus Septem Linguarum*, de J. Facciolati, segundo a cuidada edição de Veneza de 1778, dirigida por J. B. Galliccioli, onde se lê: “*Gandävum*, n.º 2, ante Ganda, olim Clarinea: *Gant*, inc[olis] *Ghent*, urbs maxima Belgii, Flandriae caput...” (Id., *ibid.*, 527-528).

Diante de tais provas, arremata Joaquim da Silveira:

Em face destes dados, e salvo melhor documentação em contrário, entendo, pois, que a prosódia verdadeira do apelido discutido é *Gândavo*, e não *Gandavo* (Id., *ibid.*, p. 528).

A proposta do estudioso português mereceu o aplauso de quantos vieram posteriormente a tratar de Pero de Magalhães, quer em enciclopédias, quer em trabalhos de natureza histórica, literária ou lingüística, assinados por notáveis especialistas nestas áreas da ciência. Entretanto, a proposta deixou alguns pontos no ar, pontos que a presente comunicação pretende trazer à baila e discutir mais amiudamente. São pontos que descuram a história cultural e lingüística mesma do topônimo e do etnônimo, o processo de formação da palavra e, assim, os elementos lingüísticos que a constituem, dentro da língua portuguesa. Em primeiro lugar, há de se indagar por que diante de tais contundentes provas, passaram grandes e competentíssimos mestres da história, da literatura e da lingüística a proferir o apelido como paroxítono. No Brasil, Capistrano de Abreu não pronunciava de outra maneira. Em Portugal, José Leite de Vasconcelos, nos livros em que já marcava com acento diacrítico os proparoxítonos, nunca procedeu diferentemente. William Dwight Whitney, linguista geral e indo-europeísta consagrado, ao dirigir *The Century Dictionary of English* reservou o décimo e último volume da obra ao registro dos nomes próprios em geral e aí seu colaborador, Benjamin E. Smith, incluiu o nome do humanista português, assinalando, entre parêntese, como paroxítono o apelido *Gandavo*. Por fim, o filólogo brasileiro de muito mérito que foi Cândido Jucá

(filho) registra Gandavo, paroxítono, pronúncia recomendável, no seu prestante *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*. Assim também sempre o ouvi proferir Said Ali, que nos iniciou na leitura de Capistrano de Abreu e do humanista português.

Se não bastasse o peso da tradição, juiz da exemplaridade na linguagem, ainda que tradição mais recente – partindo do pressuposto da aceitação das provas trazidas por Joaquim da Silveira –, vale a pena começar nossa tese pelo latim, já que aí repousa a nosso ver o argumento mais forte e cientificamente mais decisivo da proposta inovadora do estudioso português.

Antes de mais nada, vale só como artifício retórico da discussão afirmar Joaquim da Silveira que, nessa língua, tinha o topônimo *Gandavum* “segundo os latinistas, a segunda sílaba breve”. Se não estamos em erro, esse registro trazido como prova, só o encontrou Silveira no citado léxico, aliás difundidíssimo outrora. E, assim mesmo, nem todas as edições do *Calepinus* trazem a lição evocada por J. da Silveira. Cremos que, se houvesse mais registros em outros dicionários, eles seriam trazidos em favor da tese inovadora. Na realidade, não topamos em nenhum dicionário latino de prestígio, pondo nesse rol os antigos e os modernos. Nem mesmo no *Lexicon totius latinitatis*, de Egídio Forcellini, discípulo de Jacob Facciolati, considerado ainda hoje fundamental repertório da lexicografia latina, o topônimo é contemplado. Os dicionários mais modernos que estendem sua documentação ao latim medieval, como o *Lexicon latinitatis medii aevi*, publicado sob a direção de Albert Blaise (Turnholti, 1975), registram o topônimo sem nenhuma indicação quanto à sua prosódia. Assim também a obra de indispensável consulta de Ernst Försternann, *Altdeutsches Namenbuch*, citada por Joaquim de Silveira. Aí vem assinalado o exemplo mais antigo do topônimo, colhido na *Vita S. Amandi*, do século VII, inserida nos *Acta Sanctorum*, editados por Mabillon. Tratando-se de uma formação do latim medieval, época em que a distinção opositiva e distintiva da quantidade havia de há muito desaparecido do sistema da língua justifica-se a falta do uso do acento diacrítico, como sói ocorrer nos dicionários e léxicos da latinidade medieval (Du Cange, Niermeyer, Blaise, para simples amostra).

É patente que o topônimo tem como base *Gand* ou *Ganda*, mas como explicar o final? O pretense sufixo *-(a)vus* não existia para formação dos gentílicos nem em latim, nem no flamengo e holandês, nem nas línguas românicas. No latim e nas suas continuações neolatinas o sufixo por excelência é *-ensis*, como registra o *Lexicon*, de Blaise: *Gandavensis*, correspondente ao português *Gandense*. Aliás, pelo testemunho do referido *Lexicon*, *Gandavum* poderia valer pelo simples *Gand*, donde sairia o gentílico *Gandavensis*.

Não tem peso científico nem se baseia na prática dos procedimentos de formação de palavras por meio de sufixos, defender a pronúncia proparoxítona, estribando-se na sílaba tônica do primitivo *Ganda*; basta atentar para *Roma* → *romanus*.

Não sendo o nosso topônimo formado de *Gand(a)* mais sufixo, onde encontraria sua fonte originária? Pensamos que tal forma se explica por analogia com *Batavo*, esse sim com boa tradição em latim, quer na forma substantiva plural *Batavi*, quer na adjetiva *Batavus*, correntes em César, Martial, Tácito e tantos outros escritores. Não seria a primeira vez que se tomava parte da base como se fora morfema; em português, por exemplo, já se pensou depreender o sufixo formador de gentílicos *-io* em *algarvio*; na realidade a palavra é o árabe *algarbî*. Leite de Vasconcelos, referindo-se a *Gandavo* (*Opúsculos*, III, Onomasiologia, p. 103), alude a um trabalho de certo Victor Tourneur, funcionário da Biblioteca Real da Bélgica, acerca da história e etimologia do nome *Gand*, que mencionava no século VII o *pagus Gandavus*, *-um*, com o sufixo *-avu*. Infelizmente o notável mestre da filologia portuguesa não aprofundou a discussão do nome e do pretense sufixo. A verdade, porém, é que na extensa obra que escreveu sobre onomasiologia, antroponímia e toponímia, jamais registrou um sufixo *-(a)vu*. Chegou a discutir a pronúncia do topônimo *Ílhavo*, proparoxítono, do latim *Iliabum*, onde poderia ter aproveitado a ocasião para aludir ao caso, já que tratava da questão de se dever proferir *Ílhavo* ou *Ilhavo*.

Na hora de trazer para seu nome a lembrança de suas origens flamengas não seria outra a decisão em favor da pronúncia paroxítona da parte de um “insigne humanista e excelente latino”.

Além das raízes tradicionais latinas, a região Batavia ocupava destacado lugar na área política, econômica e cultural, além de geograficamente vizinha, o que a colocava em condições de servir de modelo a um neologismo como *Gandavum*, na época em que este foi criado. E no padrão prosódico de *Batavi* e *Batavus*, só poderíamos ter *Gandavum* como paroxítono em latim medieval e eclesiástico e *Gandavo* em português, portanto. É difícil explicar a razão que levou Facciolati a optar pelo registro inédito – insistimos nisto – do topônimo com sílaba medial breve; de qualquer maneira, a lição do lexicógrafo não recebeu o beneplácito do uso até que viesse à luz anota de Joaquim da Silveira, mais de um século e meio depois.

No que toca ao testemunho do bibliógrafo espanhol Nicolau Antônio nos índices que rematam sua *Bibliotheca Hispana nova*, cabe lembrar que a 1.<sup>a</sup> edição de 1696, citada pelo estudioso português, teve uma 2.<sup>a</sup> ed. saída em 1788, em dois tomos, com acréscimos e numerosas correções a cargo de Francisco Pérez Bayer.

Na 2.<sup>a</sup> edição aparece *Gândavo* nos lugares indicados por Joaquim da Silveira, só que, primeiro, é preciso verificar se a novidade da prosódia pertence mesmo a Nicolau Antônio. Assentada a responsabilidade do bibliógrafo espanhol, é tal a proliferação de acentos diacríticos nessa 2.<sup>a</sup> edição da *Bibliotheca Hispana Nova*, que não se percebe a existência de critério orientador de tal procedimentos.

Os argumentos colhidos por Joaquim da Silveira para fundamentação da sua proposta não têm, cremos nós, a força que dispense a análise e discussão dos aspectos linguísticos trazidos aqui à baila. Por esses aspectos intrínsecos ao problema é que continuamos a pensar que se que deva retornar ao testemunho da tradição e continuar pronunciando *Gandavo* o nome daquele que, segundo Camões, seu amigo, exaltou “*a Terra Santa Cruz, pouco sabida*”.

\*\*\*